



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

A CONSTRUÇÃO PERFORMATIVA DE GÊNERO E SEXUALIDADE NAS PRÁTICAS DISCURSIVAS DE UMA *LAN HOUSE*

Thayse Figueira Guimarães- UFRJ/CAPES

thayseguimaraes@yahoo.com.br

A contemporaneidade é —um momento de grande reflexividade (GIDDENS et al., 1997), pois vivemos um período social em que uma diversidade de discursos e identidades está acessível. Somos desafiados pela pluralidade de diáspora, pela presença cada vez mais ubíqua da mídia na vida social e pela pluralidade de discursos amplamente prolatados pelo avanço da tecnoinformação. Há uma multiplicação e diversificação crescentes das agências e dos tipos de letramentos existentes na sociedade (KLEIMAN, 1995; SIGNORINI, 2001; STREET, 2005), que se constituem em espaços híbridos de saberes e aprendizagens. Trata-se de uma hibridização cada vez mais possível, no que se refere às textualidades que circundam nossas interações sociais e às possibilidades de contatos e de reinvenção das performances identitárias (PENNYCOOK, 2007).

Considerando esse entendimento do mundo social contemporâneo, situo este trabalho no campo de conhecimento da Linguística Aplicada. Compartilho a vertente Indisciplinar (MOITA LOPES, 2006a) que preconiza um fazer reflexivo e problematizador (CAVALCANTI, 2006), uma forma transgressiva (PENNYCOOK, 2006) de construir pesquisa. Essa proposta exige roteiros epistemológicos que dêem conta da situacionalidades da vida social e envolve uma ação contínua de transgressão de padrões tradicionais e de “desaprendizagem” de seus próprios limites de atuação como um campo de pesquisa. Estou alinhada, no campo da Linguística Aplicada, a uma crença de que epistemologia e política devem andar juntas, ou seja, —fazer pesquisa deve ser teorizado lado a lado com a ação política (MOITA LOPES, 2009). Com base nesse pressuposto de investigação, devemos problematizar a força de ação de nossas práticas discursivas e discuti-las em contextos sociais específicos, adotando sempre categorias de investigação que refletem o mundo em que vivemos.



Nessa perspectiva que construí meu trabalho de mestrado intitulado “**A construção performativa de gênero e sexualidade nas práticas discursivas de uma Lan House**”. A suposição que me norteou é que aos nos engajarmos em práticas discursivas, na web e ao redor dela, estamos (re)definindo e articulando significados de gênero e sexualidade disponibilizados em nossa sociedade e, ao mesmo tempo, renegociando o modo como essas identidades são mantidas e/ou ressignificadas em contextos específicos de interação.

O campo de pesquisa foram as performances de gênero e sexualidade construídas em torno do ciberespaço, mais especificamente naqueles espaços que denominei de ambientes de **sociabilidade em torno do virtual**. Estes ambientes são construídos com base nas novas demandas do mercado e são parte das múltiplas possibilidades de interação que surgem nos dias atuais. Os *cibercafés*, as *Lan Houses* e os telecentros são exemplos disso, e se justificam na necessidade de as pessoas participarem de uma nova rede interacional, que é o ciberespaço (LÉVY, 1999).

O meu objetivo principal foi entender o modo como algumas performances de sexualidade e gênero eram (re)negociadas e disponibilizadas em espaços que emergem na contemporaneidade, como é o caso das *Lan House*. Para tanto, procurei pautar-me na seguinte pergunta de pesquisa:

- Como a pluralidade de contatos sociointeracionais em uma *Lan House*, que se dá tanto no âmbito local quanto ciberespacial, sinaliza o modo como os sujeitos de pesquisa (re)constroem suas identidades de gênero e sexualidade dentro dos discursos disponibilizados ali?

Ao encontro da suposição que norteiam esse trabalho, apresento alguns questões-chave que foram cuidadosamente trabalhadas no arcabouço teórico.

Tomo a metáfora dos “jogos de linguagem” de Wittgenstein ([1953]1996) para caracterizar o *status* transitório e contextual da produção dos significados. De acordo com este olhar, não existe uma linguagem, em seu sentido representacional, mas incontáveis jogos de linguagem, dos quais aprendemos a participar em nossa cultura (FREIRE COSTA, 2004). Com base nessa metáfora, caracterizo a *Lan House* pesquisada como uma



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

comunidade de prática e como um novo espaço de negociações de práticas sociais na construção dos significados. Para tal, parto dos estudos de Wenger (1998) e delimito algumas características observadas naquela *Lan House*, que dialogam com o modo como Wenger (1998) caracteriza uma comunidade de prática.

A partir desse ponto, passo a tratar as ações daquela comunidade como envolvendo práticas de letramento. Dessa forma, trago também algumas considerações sobre letramento e vida social. Entender as ações daquela *Lan House* como ações letradas refere-se à percepção de letramento como uma prática social situada, já que ao usarmos a linguagem o fazemos sob uma particular contingência cultural, histórica e institucional (STREET, 1995; HALL, 2006; MOITA LOPES, 2005). A visão de letramento como prática situada não se desassocia do movimento de se tornar membro de um grupo social, que se dá via discurso. Nessa visão, **letramento é “um fenômeno que é situacionalmente definido dentro e através de diferentes grupos”** (GREEN *et al* 1994, p.124), assim o grupo do qual somos participantes define o que conta como letramento e evoca ações letradas, por exemplo, no ciberespaço (LEVY, 1999) ou na *Lan House* em questão.

Compreendo também nossas identidades sociais como coisa mutável e variável, criada na dinâmica discursiva e sustentada por ela, numa lógica que engendra corporalidade e linguagem. Essa imbricação tem um lugar particular em uma série de estudos, que ressalta a necessidade de entendermos as identidades, como construídas em ações performativas (BUTLER, 1990; LOURO, 2001; PENNYCOOK, 2007; MOITA LOPES, 2008). Os sujeitos sociais que atuam em uma determinada performance são sujeitos agentes que não simplesmente representam um papel criado pelo autor da peça teatral.

Partindo da metáfora dos jogos de linguagem, a construção do significado é um espaço social no qual não há um significado seguro, já que é campo de ação. Esse aspecto é relevante neste trabalho já que aponta o papel agentivo e transgressivo dos sujeitos das performances. Nos eventos de letramento que participamos os atores são sujeitos que não necessariamente vão reproduzir os roteiros que lhes foram dados (scripts sociais) os posicionamentos esperados. Embora uma dada sociedade tenha previsto as performances que uma pessoa deve fazer na sua vida social, com base em sua raça,



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

cultura, gênero/sexualidade, classe social e religião, os indivíduos podem recusar-se a reproduzir os papéis que lhes foram reservados e ensaiar outras performances nas quais eles ocuparão posicionamentos conforme seus objetivos na performance.

Para a interpretação dos segmentos selecionados, utilizei a noção de posicionamento discursivo e de pistas de contextualização (DAVIES & HARRÉ, 1990; VAN LANGENHOVE & HARRÉ, 1999; GUMPERZ, 1999) como construtos teórico-metodológicos, por entender que estes eram caminhos úteis na tentativa de compreensão dos significados construídos e (re)configurados no processo interacional.

Posicionamento é um processo interacional, em que o que uma pessoa diz posiciona a outra (DAVIES & HARRÉ, 1990). Uma pessoa é posicionada pelo outro interlocutor, podendo adotar uma interpretação particular de um estereótipo cultural, ou, pela negociação e refutação, reposicionar-se e construir outros significados, diferentes dos disponíveis na interação. Pistas de contextualização (GUMPERZ, 1998) são, em termos mais amplos, todos os traços linguísticos e paralinguísticos que contribuem na sinalização do contexto interacional e, através das quais, os interlocutores podem compreender que atividade está ocorrendo (GUMPERZ, [1982]1998).

Situo esta investigação como um estudo de cunho etnográfico. A pesquisa interpretativista de cunho etnográfico, que assume, sobretudo a observação participante como instrumento metodológico, busca, em termos gerais, entender a complexa rede de interações que constitui a experiência humana diária (HAMMERSLEY E ATKINSON, 1995). Vejo como pertinente localizar esta pesquisa como de cunho ou caráter etnográfico, visto que abordo aspectos particulares de práticas sociais do grupo pesquisado, fazendo uso de algumas instrumentos etnográficos para geração e triangulação dos dados, tais como observação, gravações em áudio, anotações de campo, relatos, entrevistas individuais e com foco no grupo.

Esta pesquisa foi realizada em um *Lan House*, localizada na Ilha do Governador, região Norte da cidade do Rio de Janeiro. Ao todo, minha participação naquele lugar de outubro de 2007 a maio de 2008.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Esta *Lan House* funcionava das 09h das às 22h, todos os dias, só ficando fechada aos domingos e feriados. A interação entre os participantes era intensa e, frequentemente, realizavam a chamada “virada”. Com permissão do proprietário, em alguns finais de semana organizavam um encontro que durava a madrugada toda. Iniciava-se mais ou menos às 23h e seguia até a manhã do dia seguinte. Na “virada”, os participantes se alternavam entre o acesso as redes sociais e jogos on-line, a dança e as bebidas.

Os participantes dessa *Lan House* eram jovens entre 15 e 26 anos e alguns tiveram as narrativas, conversas e/ou entrevistas analisadas. A análise e discussão dos dados, à luz dos pressupostos teórico-metodológicos apresentados, foram estruturados em três eixos centrais:

Eixo 1: *Histórias que põem em xeque a coerência entre o gênero, o sexo e a sexualidade*

Eixo 2: *Conversas que constroem feminilidades subversivas dos essencialismos e da vigilância entre os gêneros*

Eixo 3 *Discussões que questionam o ‘status-quo’ do gênero e das sexualidades.*

Apresento duas sequências referentes ao eixo 1 e ao eixo 2.

Análise

Eixo 1: *Histórias que põem em xeque a coerência entre o gênero, o sexo e a sexualidade*

A primeira sequência analisada nessa seção é parte de uma entrevista realizada com Douglas (participante da Lan). No momento da entrevista, encontrava-me ao lado de Douglas que interagiu, via *MSN*, com seus amigos.

A sequência abaixo corresponde a um momento em que conversávamos sobre as experiências de Douglas na *Lan House*. O eixo central da sequência analisada refere-se às histórias de envolvimento amoroso de Douglas dentro e fora da *Lan House*. Nessa seção irei examinar como Douglas, ao relatar seus envolvimento ali, assume diferentes



performances de sexualidade e se constrói como conhecedor dos jogos interacionais daquela *Lan House*.

“A gente começa relacionamento aqui”

01	Douglas	Muitas coisas acontecem nessa Lan House!/ 02 03
04	P	Tipo::/ muitas pessoas começam relacionamento nessa Lan House./ Você conhece//
05	Douglas	[Essa semana nós conhecemos um garoto aqui na Lan House./ É <u>bafão</u> ¹ ,/ viu!/ 06 (risos) 07 <u>Aí:: edita isso,/ tá gente!</u> / 08 (risos) 09 Nós conhecemos aqui/ e ele ficou meio que sinalizando algo,/ mas não deu em nada// 10 A gente sempre conhece pessoas aqui!/ 11 A gente começa relacionamento aqui,/ a gente começa amizade aqui// 12 13 Eu já namorei uma menina aqui,/ uma vez./ 14 Eu tava voltando da escola//
15	P	[Uma menina?
16	Douglas	Uma menina!/ Eu tava voltando da escola// eu tava na Lan House,/ tava na Internet./ 17 18 Eu nem tava olhando para ela!/Eu não gosto de amapoa mesmo! 19 Amapoa é mulher na linguagem dos veados,/ tá!/?/ 20 Só que a garota era legal e tal// e ela me adicionou no MSN// olhou assim:: para minha tela discretamente,/ né!/ 21 22 <u>Aí e tal,/ me adicionou!</u> 23 <u>Aí começamos a pegar amizade/ e daí começamos a fazer contato./</u> 24 25 <u>Aí eu pensei assim:/ pô::/ ela é legal e bonitinha./</u> 26 <u>Logo depois,/ começamos a namorar// eu namorei com ela.</u>

¹ É uma gíria gay que indica escândalo.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

27		Só que ela frequentava muito a Lan House aqui/ sabe?!/
28		Aí não dava muito certo,/ porque quando eu tava com ela eu
29		tentava não dá pinta,/ né!?!/ DE VEADO!//
30		Só que ela frequentava muito a Lan House./
31		Também,/ quando eu tô na Lan House,/ eu tô com os amigos//
32		então,/ acaba se soltando mais.
33		A gente bota o cd da Beyonce::,/ a gente dança//
34		A gente bota o cd da Cristina Aguilera// a gente canta:: aí
35		não deu muito certo (risos)
36		a gente terminou// (risos) acabamos nos separando!//
37	P	Quando isso aconteceu?/ Tem muito tempo?/
38	Douglas	Tem uns dois anos//eu acho!

Com a afirmação inicial (“Muitas coisas acontecem nessa Lan House!/ Tipo:: muitas pessoas começam relacionamento nessa Lan House”, linhas 01 a 03), Douglas posiciona-se como alguém que possui acesso epistêmico (cf. seção 7.1.1) com relação ao que acontecia naquela *Lan House*. Tal argumento é indicador do tópico discursivo que será tratado nessa sequência e também funciona como uma pista que sinaliza a autoridade de Douglas para falar sobre tais eventos. Após se posicionar como conhecedor desses eventos, traz para a interação algumas narrativas que vão confirmar sua participação naquela comunidade de prática. Essas narrativas são iniciadas com um exemplo de suas experiências naquele lugar e contam que, além de utilizarem a *Lan House* para jogar e interagir no ambiente virtual, usavam-na também como local para paquerar e para estreitar relacionamentos (“A gente sempre conhece pessoas aqui!” / “A gente começa relacionamento aqui, a gente começa amizade aqui...”, linhas 10 a 12).

O narrador faz-se porta-voz dos participantes da *Lan House* e com a expressão “a gente” faz referência direta aos outros frequentadores da *Lan House*, que são posicionados como agentes das ações anunciadas, indicando que o grupo compartilha práticas de sociabilidade, que parecem típicas daquela comunidade de prática (WENGER, 1998).

A fala que segue (“Eu já namorei uma menina aqui, uma vez”, (linha 13) funciona como uma pista que posiciona Douglas como narrador de uma experiência heterossexual.



Para se referir à garota da narrativa, Douglas utiliza o vocábulo “amapoa”. O uso desse índice avaliativo confirma também seu posicionamento no chamado grupo gay (cf. nota 2), já que “amapoa” é uma gíria comum entre os que se posicionam como gays para se referirem às mulheres.

Seguindo a narração, para justificar a afirmação inicial (“Eu já namorei uma menina aqui, uma vez”- linha 13), Douglas se (re)posiciona com relação ao fato de não gostar de mulheres. Aqui ele (re)posiciona o lugar de seu desejo, deixando-nos inferir a possibilidade de relacionamentos com mulheres. Na sequência seguinte Douglas confirma esse (re)posicionamento (“Aí eu pensei assim: pô:: ela é legal e bonitinha.”/ “Logo depois, começamos a namorar... eu namorei com ela.”, linhas 25 e 26). Nesse momento, Douglas utiliza um verbo metapragmático (“pensar” linha 25), que sinaliza um posicionamento reflexivo diante da possibilidade de envolvimento com mulheres. Aqui ele aproxima o objeto de seu desejo a um contexto das sociabilidades heterossexuais.

Entretanto, o período posterior propõe um outro (re)posicionamento de Douglas. Quando ele se depara com as consequências da ação de se envolver com a garota percebe que aquele relacionamento não daria certo. (“Só que ela frequentava muito a Lan House aqui, sabe?!/ Aí não dava muito certo, porque quando eu tava com ela eu tentava não dá pinta, né!? DE VEADO!”- linhas 27 a 29). Aqui a argumentação de Douglas volta a trazer para o primeiro plano as performances gays evocadas, que foram limitadas por causa da presença da garota na *Lan House* (“Só que ela frequentava muito a Lan House aqui, sabe?!”, linha 27).

As consequências da ação de estar com a garota parecem envolver obrigações não bem-vindas por ele (“Aí não dava muito certo, porque quando eu tava com ela eu tentava não dá pinta, né!? De VEADO!” linhas 28 e 29). Os significados trazidos pela expressão “dá pinta DE VEADO” (linha 29) evidenciam que ele precisava fazer performances diferentes quando estava com a referida namorada. Pode-se notar que os posicionamentos que Douglas tomava, enquanto estava com seus amigos, parecem não ser autorizados pela menina, ou no sentido mais amplo, pelas redes que significam as relações heterossexuais.

A análise desse fragmento permite entender que, ao contar a experiência de envolvimento com uma menina, Douglas se engaja num jogo de construção de



performances de sexualidades fluidas. Conquanto Douglas evoque referências do senso comum para reafirmar possíveis significados sobre o que é fazer performances gays (“dá pinta de veado), sua história aproxima-se da compreensão de nossas identidades sociais como resultados e efeitos de nossos posicionamentos interacionais (MOITA LOPES, 2005; DAVIES & HARRÉ, 1990). Posto que, ao contar suas experiências de envolvimento com a referida namorada (linhas 13 a 22) e de paquera com um homem na *Lan House* (linhas 05 a 09) faz performances gays e posiciona-se em vinculação com práticas homoeróticas e heterossexuais.

Em outras narrativas Douglas conta outros envolvimento com mulheres e homens na Lan House. Seus posicionamentos, ao longo das histórias que conta não implicam abandono de algumas categorias, contudo engaja-se em posicionamentos que possibilitam o dessaranojo da coerência aparente entre gênero, sexo e sexualidade.

Eixo 2: *Conversas que constroem feminilidades subversivas dos essencialismos e da vigilância entre os gêneros*

A próxima interação ocorreu durante no momento em que eu observava um grupo de meninas (a saber: Maísa, Flávia e Mila), que conversavam sobre o que viam no Orkut e no MSN. Eram meninas que frequentavam a Lan durante o dia, quando saíam da escola. Na Lan House elas cupavam no máximo dois computadores, pois juntas acessavam as redes sociais.

O trecho analisado refere-se ao momento em que um grupo de meninas conversavam sobre o uso do computador em casa.

“Tá maluco que fico conversando no MSN assim lá em casa!”

22	Maísa	<u>Olha só o que elas estão falando//</u>
23		LARGA ESSE TELEFONE!(dirigia-se a Flávia)
24	Flávia	Preciso falar com minha mãe//
25	Maísa	[
26		Agora é assim/ sua mãe toda



27		hora fica te ligando!//
28	Flávia	Ela tá no meu pé./ Acho que ela pensa que tô:: escondendo
29		alguma coisa dela//
30		Pô:: semana passada,/ toda hora ia ver com quem tava
31		conversando no <i>MSN</i> ./ <u>Sorte é que ela não entende muito bem</u>
32		<u>o que escrevo!//</u>
33	Maísa	Pô que saco!// Daqui a pouco vai querer vir aqui também!//
34	Flávia	Não-Não:: aqui tá tudo bem!//
35	Mila	Minha mãe/ também tem umas paranóias dessa!// (risos)
36	Maísa	[
37		EH:: TÁ MALUCO QUE FICO
38		CONVERSANDO NO <i>MSN</i> ASSIM LÁ EM CASA! Nem dá,/prefiro aqui!
39		Meu irmão já leu meu histórico do <i>MSN</i> várias vezes./ E
40		ele-ele é muito dedo duro, contou para minha mãe que eu
41		tava saindo com o Fábio//
42		por isso nem tô chamando vocês, pra gente ir lá em casa.
43		Sabe- Sabe,/ porque se a gente tiver na Internet minha mãe
44		vai ficar toda hora me perturbando.
45	Flávia	É:: meu irmão também é assim./ ENGRAÇADO,/ NÉ!?!/ Com meu
46		irmão minha mãe- minha mãe nem liga!

O tópico discursivo desse fragmento refere-se às experiências de restrições ao uso da Internet em casa. O modo como Flávia se posiciona quando relata a vigilância da mãe (linhas 28-32) parece contribuir para que o restante do grupo se engaje em ações de referência a eventos semelhantes.

Maísa traz para a conversa uma experiência com seu irmão (“Meu irmão já leu meu histórico do *MSN* várias vezes. E ele-ele é muito dedo duro, contou para minha mãe que eu tava saindo com o Fábio...”, linhas 40 a 42) que ajuda a sustentar seu posicionamento,



frente ao relato de Flávia (linhas 28-32). Esses posicionamentos são índices de experiências negativas de vigilância com relação ao uso da Internet em casa, em especial no *MSN*.

Ao apontar os possíveis conflitos com sua mãe e com o irmão, Maísa posiciona o irmão como co-participante dessa vigilância familiar (linhas 40 a 42). Esses posicionamentos reforçam contornos valorativos de aspectos da vida legitimados em sociedade, ou seja, ao que se convencionou como papéis do masculino e do feminino numa sociedade patriarcal, na qual o homem pode assumir uma posição de exploração/dominação e as mulheres de submissão/dependência. Sobre isso, vale notar que Flávia faz referência a uma experiência parecida (“É:: meu irmão também é assim”, linha 45), reforçando o modo como vivenciam as relações de gênero em casa. Esses posicionamentos são efeitos simbólicos de relações de força entre os gêneros, comum na estrutura familiar e ainda observada na contemporaneidade.

Tal fato nos permite entender as desigualdades sociais entre homens e mulheres que se manifestam pela valorização e significações diferenciadas, considerando ambos os sexos. Como indicativo dessa diferença, observe a frase final de Flávia no fragmento analisado (“ENGRAÇADO, NÉ!?! Com meu irmão minha mãe- minha mãe nem liga! ”, linhas 45 e 46). Aqui Flávia se posiciona fazendo uma reflexão sobre as relações de significados desiguais entre ela e seu irmão, por parte de sua mãe. A afirmação com ênfase no fragmento “ENGRAÇADO, NÉ!?!”, nos permite entender, ainda, que Flávia evoca sentidos de insatisfação e crítica frente às experiências que explicita.

Com efeito, podemos observar também que as experiências pessoais das garotas indicam que o acesso à Internet na *Lan House* torna-se uma estratégia contemporânea para fugir da vigilância familiar, no que se refere ao que fazem na rede e como se constroem discursivamente nela. Assim, as experiências negativas com o uso da Internet em casa colaboram para que o grupo se sinta mais à vontade na *Lan House*. Vale notar a resposta de Flávia (“Não-Não:: aqui tá tudo bem!”, linha 34) ao questionamento de Maísa (“Daqui a pouco vai querer vir aqui também!”, linhas 33). Tal asserção nos permite inferir que Flávia não corre o risco de ser vigiada por sua mãe, enquanto estiver na *Lan House*, por isso toma discursivamente uma posição de tranquilidade com relação ao questionamento de Maísa (linha 34).



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

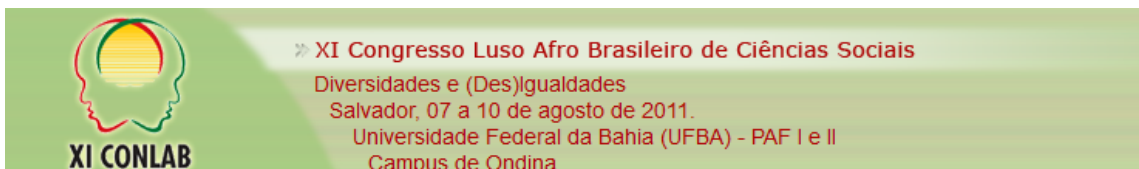
Maísa, também, em referência ao que afirmara Flávia (linha 35), localiza-se sob as mesmas redes de significados. Ao dizer que não utiliza a Internet do mesmo jeito em casa (“EH:: TÁ MALUCO QUE FICO CONVERSANDO NO *MSN* ASSIM LÁ EM CASA! Nem dá, prefiro aqui!”), linhas 37-40) ela colabora para entendermos a *Lan House* como estratégia para escapar da observação familiar. Nesse sentido, é possível inferir que a *Lan House* torna-se também um nicho, onde o grupo de meninas pode agir mais livremente na Internet e assim subverter a vigilância familiar.

A análise, portanto, mostra que aquelas meninas, enquanto partilham experiências semelhantes ao uso da *WEB* em casa e estratégias para escapar desse regime de vigilância, estão subvertendo as relações de gênero impostas em seu convívio familiar. Suas experiências nos possibilitam entender a gama de discursos que operam no exercício do poder sobre o outro e na afirmação da assimetria e hierarquia entre os gêneros, da mesma forma que deixam claro uma disposição para enfrentamento dos efeitos simbólicos desses discursos.

Considerações finais

As análises que efetuei neste trabalho buscaram ressaltar a subversão de contornos tradicionais de nossas identidades de gênero e sexualidade. Foi possível perceber que as contingências, encadeadas pelo momento contemporâneo, reconfiguram não somente o local físico dos lugares de interação social, como é o caso da *Lan House*, mas também possibilitam abertura a outras práticas sociais, diferentes das autorizadas em contextos mais tradicionais e instituidores da vida social, tais como a escola, a família e a igreja. Creio que a multiplicidade de discursos pelos quais o grupo circulava, potencializados pela navegação em rede, contribuiram nas ações de reinvenção e desconstrução de categorias identitárias mais tradicionais.

As interações naquela *Lan House* disponibilizam visões de mundo, conhecimentos, crenças e valores que podem, diretamente, colaborar na compreensão da diferença da alteridade. Nesse sentido, o ciberespaço e, em especial aqui, os espaços criados para por sua potencialização no mundo, como as *Lan Houses*, tornam-se um meio através do qual os interactantes não só podem ter a oportunidade de ter acesso à informação e outros modos de



vida, como também a um lugar de reconstrução identitária. Lugar de formas múltiplas de “ser homem” ou “ser mulher” e de experimentar, mais plenamente, outros modos de ser humano.

Referências bibliográficas

- ARAÚJO, I.L. “A revolução Wittgensteiniana: os jogos de Linguagem”. In: *Do signo ao*
- BUTLER, Judith *Gender Trouble: Feminism and the Subversion of Identity*, Routledge, London, 1990.
- CAVALCANTI, M. C. Um olhar metateórico e metametodológico em pesquisa em linguística aplicada: implicações éticas e políticas. In: MOITA LOPES (Org.) *Por uma linguística aplicada indisciplinar*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006. p. 233-252.
- DAVIES, B.; HARRÉ R. *Positioning: The Discursive Production of selves*. *Journal for the Theory of Social Behaviour* 20 (1), 1990, p. 43-63.
- FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, [1979]1995.
- FREIRE COSTA, J. “A personalidade somática de nosso tempo”. In: *O vestígio e aura: corpo e consumismo na moral do espetáculo*. Rio de Janeiro: Editora Garamond Ltda, 2004.
- GIDDENS, A., BECK, U.; LASH, S. *Modernização reflexiva*. São Paulo: Ed. da UNESP, 1997.
- GREEN, J et al “Constructiong literacy in classrooms: literate action as social



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

accomplishment”, In B. RUDDELL; M. R. RUDDELL & H. SINGER, H (Eds) (1994) *Theoretical Models and Processes of Reading*. New York: International Reading Association, Inc, 1994.

GUMPERZ, J. “Convenções de contextualização”. In: RIBEIRO, B.T. e GARCEZ, P.M. (Orgs.) *SocioLinguística Interacional: Antropologia, Linguística e Sociologia em Análise do Discurso*. Porto Alegre: AGE, 1998, p. 98-119.

HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006

HAMMERSLEY, M., & Atkinson “What is ethnography?” In: *Ethnography. Principles in practice*. London and New York: Routledge, 1995.

LÉVY, P. *Cibercultura*. Trad. Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 1999.

LOURO, G.L. “Teoria Queer- uma política pós-identitária para a educação”. *Estudos Feministas: revista da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis*, n. 2, 2001, p. 541-553.

MAYBIN, J. & MOSS, G. *Talk about texts: reading as a social event*. Journal of Research in Reading, 1993.

MOITA LOPES, L. P. Linguística aplicada como lugar de construir verdades contingentes: sexualidades, ética e política. *Revista Gragoatá*. UFF. Niterói, n.27. 2. sem. 2009. p.33-50.

MOITA LOPES, L.P. “Construindo uma Linguística Aplicada mestiça e ideológica: interrogando o como lingüista aplicado”. In: MOITA LOPES, L.P. (Org.) *Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar*. São Paulo: Parábola, 2006.

MOITA LOPES, L.P “A construção do gênero e do letramento na escola: como um tipo de conhecimento gera o outro”. *Investigações Linguística e Teoria Literária*. Vol. 17, no.2, 2005, p. 47-68.

PENNYCOOK, A. Performance and performativity. In: PENNYCOOK, A. *Global Englishes and Transcultural Flows*. New York: Routledge, 2007.

SANTOS, B de S. *Pela mão de Alice. O social e o político na pós-modernidade*. São Paulo: Cortez, 2001.

SIGNORINI, I. Construindo com a escrita “outras cenas de fala”. In: SIGNORINI, I. (org.) *Investigando a relação oral/escrito e as teorias do letramento*. Campinas, Mercado de Letras, 2001. pp. 97-134.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

STREET, B. (1995) “A critical look at Walter Ong and the ‘Great Divide’”. In B. Street (1995) *Social Literacies. Critical Approaches to Literacy in Development. Ethnography and Education*. London: Longman.

VAN LANGENHOVE, L. & HARRÉ, R. Introducing Positioning Theory. In: Harré, R. & Van Langenhove, L. (Eds.). *Positioning Theory*. Oxford: Blackwell, 1999.

WENGER, E. *Communities of Practice – learning, meaning and identity*. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.

WITTGENSTEIN, L. “Os jogos de linguagem e a concepção de filosofia” In: *Investigações filosóficas*, I, Petrópolis, Vozes, 2ªed. Tradução de Marcos G. Montagnoli, [1953]1996.